

O pensamento teilhardiano é otimista. Apesar das duas guerras mundiais, TEILHARD DE CHARDIN conserva uma esperança que se fundamenta na Revelação e na ciência, uma porta aberta para uma nova maneira de viver e de expressar o cristianismo.



Pierre Teilhard de Chardin: a sabedoria do teólogo da noosfera

"O pensamento teilhardiano é otimista. Apesar das duas guerras mundiais, Teilhard conserva uma esperança que se fundamenta na Revelação e na ciência, uma porta aberta para uma nova maneira de viver e de expressar o cristianismo."

Por ocasião do sexagésimo aniversário da morte de PIERRE TEILHARD DE CHARDIN, no dia 10 de abril, publicamos um texto do pastor evangélico francês VINCENS HUBAC.

0 artigo foi publicado no sítio *Il Sismografo*, 09-04-2015.

UM GAROTO RECOLHE SEIXOS PELOS CAMINHOS DE AUVERGNE. Graças à sua riqueza geológica, o local presta-se a esta atividade. **PIERRE TEILHARD DE CHARDIN** nasceu no primeiro de maio de 1881, nos arredores de Orcines Puy de Dôme, numa antiga e muito católica família de Auvergne.

Aos onze anos, Pierre entrou no colégio dos jesuítas. Toda a vida de Pierre Teilhard de Chardin ficaria marcada por esta dupla filiação: científica (como geólogo) e espiritual. Estes dois aspetos da sua vida jamais se separariam.

Teilhard de Chardin é, acima de tudo, um cientista conhecido em todo o mundo. Foi admitido nos jesuítas em 1899 (no noviciado, em Aix-en-Provence), fez os seus primeiros votos em 1901 e, nesse meio tempo, continuou com os seus estudos e as suas pesquisas. Sempre com os jesuítas, mas na ilha anglo-normanda de Jersey (por causa das leis anteriores à separação entre Igreja e Estado), estudou filosofia até 1905, tornando-se, depois, leitor de química no Colégio da Sagrada Família, no Cairo (Egito).

Após quatro anos de teologia perto de Hastings (Inglaterra), Pierre Teilhard foi ordenado sacerdote em 1911, um acontecimento central na sua vida. Simultaneamente, continuou os seus estudos de geologia. Em julho de 1912, encontrou-se com Marcellin Boule, famoso geólogo e paleontólogo, fundador da escola francesa de paleontologia humana.

Pouco depois, Teilhard teve outro encontro fundamental, com o abade Breuil, a quem chamavam "o papa da pré-história"! A Grande Guerra interrompeu as suas pesquisas e os seus encontros, mas não fez diminuir, no seu íntimo, as perguntas sobre o ser humano. Foi, precisamente, durante a guerra de 1914-1918 que se consolidou a sua vocação específica.

Em 1918, fez os votos solenes e permaneceria toda a vida fiel à Igreja Católica, sobre a qual mantinha uma elevada consideração, embora nunca o tivesse, realmente, reconhecido. Retomou os seus estudos, entregou a sua tese na Sorbonne, em 1921, e defendeu-a em março de 1922. Ficou encarregado do curso de paleontologia, no Instituto Católico de Paris.

Sempre apaixonado pela geologia, pelas pedras e pelos fósseis, participou nas pesquisas paleontológicas do Museu de História Natural. Sob a influência de Marcellin Boule e do abade Breuil, Teilhard foi-se sentindo cada vez mais atraído

pelo problema das origens e da paleontologia humana; não nos esqueçamos que a tese defendida em 1922 tratava dos "Mamíferos do eoceno inferior francês e os seus habitats".

Foi prosseguindo a sua formação científica e as suas pesquisas durante toda a vida, e fez grandes descobertas no âmbito pré-histórico. Defendeu o transformismo por oposição ao fixismo, debate que na época estava longe de se considerar encerrado. As suas pesquisas ocorriam a par de viagens incessantes, como, por exemplo, à China, que visitou pela primeira vez em 1923 com o padre Licent, também ele jesuíta e paleontólogo.

Regressado a Paris, viajou de novo para a China, em seguida para Paris, Cantal e Ariège (terra da pré-história); realizou depois uma viagem a Obock e Abissínia (África Oriental), a convite de Henri de Monfreid. De 1929 a 1936, vamos encontrá-lo, novamente, na China, onde fez a descoberta capital do *Sinanthropus*, e por aí adiante!

Em 1931 participa, na qualidade de geólogo, na mítica "Travessia Amarela" de André Citroën. Teilhard foi, também, convidado para muitas outras expedições deste tipo, como a "Harvard-Carnegie" na Birmânia (1937-1938).

Há ainda a assinalar, finalmente, uma viagem à Rodésia e à África do Sul em 1953. Na África Oriental, perdeu por pouco a expedição do doutor Leakey à garganta de Olduvai. Teilhard também participou em inúmeros congressos e debates sobre paleoantropologia.

O leitor pouco habituado à leitura de Teilhard, não deve ficar surpreendido perante esta nossa rapidíssima, mas necessária visão sobre a vida e as pesquisas científicas deste famoso jesuíta. Teilhard é, acima de tudo, um fenomenólogo, no sentido etimológico do termo, ou seja, um observador; ele vê, estuda, compreende, observa o mundo do qual é um "cidadão" *ante litteram*, é um hiperativo fascinado pela Criação, pela evolução, pelo coração da matéria.

Desde pequeno que ficava impressionado com o ferro, que constituía para ele uma matéria misteriosa e poderosa. O cosmos e a Terra, sobre a qual nunca cessou de viajar, eram concebidos por ele como um todo. O seu pensamento, a sua reflexão, a sua ação, não se curvam jamais sobre si mesmos. Pierre Teilhard estabeleceu relações com inúmeros países, povos e pessoas de todos os tipos. Teve ocasião de se encontrar com filósofos como Huxley ou Le Roy, sucessor de Bergson no Collège de France, com o qual lançou a revista *Géobiologie*, com aventureiros como Henri de Monfreid e, obviamente, com os cientistas do seu tempo.

Juntamenet com Boule, Licent, Breuil, o conde Begouën e Cartailac, fundou a paleontologia e a antropopaleologia modernas. A evolução e o ser humano seriam objeto do novo pensamento de Teilhard. O homem constitui um dos núcleos centrais do pensamento teilhardiano, que guarda um profundo respeito pelas culturas exóticas dos países que teve ocasião de visitar: basta pensar em

todos aqueles que se preocuparam em trazer consigo os tesouros arqueológicos do Oriente, ao passo que Teilhard, com as suas descobertas, se empenhou em contribuir para a construção de museus in loco, como o de Zhoukoudian, na China, onde se encontram os fósseis do homem mais antigo até então conhecido, o Sinanthropus, um pitecantropo de cerca de seiscentos mil anos de idade.

O museu fundado por Teilhard sobreviveu à Revolução Cultural, e uma estela foi erigida em sua honra. Não é possível compreender o seu pensamento, muito difícil e exigente, se ignorarmos o seu percurso científico, as suas viagens e o seu caminho religioso. Não se pode compreender Teilhard de Chardin se, ao segurarmos na mão um micaxisto, um calcário ou um granito, neles virmos, apenas, uns vulgares calhaus, e não uma pedra cósmica, resultado da evolução e, ao mesmo tempo, portadora da potencialidade da vida, graças a uma energia que veio de fora.

O cientista e o místico

Teilhard é um cientista, mas também um visionário e um místico. Sendo um homem da terra, do cosmos, ele é, também, um homem de Deus, em busca do Absoluto desde a infância... talvez, afinal, a busca de toda a sua vida.

"Tanto quanto me é possível inquirir nas minhas recordações (nas anteriores à idade de dez anos), descubro sempre em mim a existência de uma paixão claramente dominante: a paixão pelo Absoluto... A necessidade de possuir, em tudo, 'algum Absoluto' era, desde a infância, o eixo da minha vida interior. Entre os prazeres daquela idade, eu só me sentia feliz (se bem me lembro) quando em relação com uma alegria fundamental, que consistia, geralmente, na posse (ou no pensamento) de algum objeto precioso. Quer se tratasse de um qualquer pedaço de metal, ou de um salto para o outro extremo, eu comprazia-me no pensamento de Deus-Espírito" (O meu universo).

Lendo esta citação, compreendemos que, se Teilhard é um cientista, é, igualmente, um homem de altíssima espiritualidade, se não mesmo um místico. Para início de leitura das suas obras, "A missa sobre o mundo" é uma boa introdução, assim como "O ambiente divino".

É neste tipo de escritos que se mede a grandeza da sua visão. Aqui ficam algumas linhas: "Verdadeiramente, através da operação ainda em curso da encarnação, o Divino penetra tão bem nas nossas energias de criaturas que, para o encontrar e abraçar, nós não poderemos dispor de um ambiente mais apropriado do que a nossa própria ação. Na ação, para começar, eu adiro ao poder criador de Deus; coincido com ela; torno-me, não apenas, o seu instrumento, mas também o seu prolongamento vivo. E, como não há nada de mais íntimo, num ser, do que a sua vontade, eu, dalgum modo, me confundo, através do meu coração, com o próprio coração de Deus. Este contato é perpétuo, porque eu estou continuamente em ação e, ao mesmo tempo – porque

não poderia encontrar um limite para a perfeição da minha fidelidade, nem para o fervor da minha intenção –, permite-me assimilar a Deus ainda mais estreitamente, indefinidamente. Nesta comunhão, a alma nunca deixa de se alegrar nem perde de vista o fim material da sua ação. Não será, porventura, um esforço criativo aquilo com que ela se une?" (O ambiente divino).

Evolução e consciência

Teilhard de Chardin, como muitos místicos, é um homem de ação, que alcança os recursos da sua ação, das suas pesquisas e das suas descobertas científicas na contemplação de Deus e na visão do mundo em evolução que a acompanha e nas quais ele "vê" Deus – fenómeno a que ele chama "diafania".

É, precisamente, neste nível de visão, nesta mística ao serviço da qual ele coloca todos os seus conhecimentos científicos, que Teilhard elabora a teologia evolucionista e viva que o caracteriza. Pierre Teilhard é um fenomenólogo que olha para as coisas e tenta penetrar no seu mistério e sentido.

O seu olhar de paleólogo recua muito no tempo. A evolução é uma evidência que se impõe. Ao infinito do espaço e ao infinito do tempo de Pascal, ele acrescenta um terceiro infinito, o infinitamente complexo. Para Teilhard, a matéria diversifica-se num grau extremo, torna-se cada vez mais complexa no turbilhão da vida, sob a ação criadora da energia divina, até que parece o pensamento, o imaterial gerado pela matéria.

A matéria espiritualiza-se e, através dela, é o cosmos que se espiritualiza num infinito atemporal e imaterial. Da matéria bruta à alga azul, do oceano primordial a que se seguiu o aparecimento da vida, Teilhard vê uma evolução que, por estágios sucessivos, vai desde a cosmogénese à biogénese e à antropogénese.

O "fenómeno humano" (título de uma das suas obras fundamentais) ilustra o surgimento de um "sempre mais" de consciência e de espírito. A antropogénese é o lugar, o cumprimento da evolução. Certamente, o ser humano é um ser inteligente, mais do que quaisquer outras espécies animais. Acima de tudo, o ser humano pensa e sabe a um nível jamais igualado: pensa que pensa e sabe que sabe. No ser humano, existe a consciência, e é isto que constitui – juntamente com o surgimento da vida e da inteligência – uma fonte de admiração.

O ser humano é mais do que o junco pensante pascaliano, perdido no "gelo infinito" do espaço e do tempo. O ser humano é a própria presença do infinitamente complexo que pensa e é consciente. Ele é espírito, espiritual e sinal visível da noosfera ("esfera do espírito", em grego). A noosfera vem sobrepor-se, completar e ultrapassar a biosfera. Camada pensante do ser humano, ela é o lugar e a união dos espíritos pensantes, em comunicação uns com os outros, e movidos pelo espírito dinamizante de Deus, o Cristo Evoluidor. A noosfera está centrada em Deus e, decididamente, voltada para a frente, rumo ao ponto Ómega.

Esta antropogénese, sempre em construção, emerge, somente, através da

dinâmica de uma energia espiritual, inscrita no eixo evolutivo do mundo: o Cristo Evoluidor. Aqui, o padre jesuíta é influenciado pelos apóstolos Paulo e João. Nesta pesquisa, é claro o encontro do Cristo Pantocrator do primeiro (cfr. As Cartas aos Colossenses, aos Filipenses e aos Efésios) com o Verbo criador do segundo (cfr. João 1).

A antropogênese é a ponta do eixo da evolução, e no ser humano é a Igreja que constitui o cume ou a ponta extrema desse eixo. O padre Teilhard vê, na missa, a presença do Cristo Evoluidor, ou seja, um Cristo presente no mundo, ativo, que dinamiza a cosmogênese e que é o centro das energias. O Cristo Evoluidor recentra em si a noosfera, e atrai o mundo para Si no Cristo Ómega.

Através do Cristo Evoluidor, "pode-se, sem deformar a atitude cristã, passar do conceito de 'humanização através da redenção', ao de humanização através da evolução?" (A minha fé). Através da diafania crística – e da presença real –, o sacerdote associa o cosmos inteiro ao acontecimento. O pleroma aparece como a plenitude, a totalidade que reúne Deus e a multiplicidade da criação, sem confusão, mas preservando a sua identidade e alteridade na união.

O pleroma é o cumprimento da evolução material, biológica e espiritual em Deus, outro modo de definir o ponto Ómega. Não nos esqueçamos nunca de que Teilhard é católico e que, para ele, a Igreja Católica é "a ponta" ou cume da evolução. Em todo o caso, há uma formidável força criadora na visão teilhardiana que reencontramos, em certa medida, na teologia do processo.

Uma busca do sentido do Cosmos

Se Teilhard conhece bem as obras de Bergson (e do seu sucessor Édouard Le Roy, com o qual mantém uma correspondência contínua), distingue-se dele, porém, no sentido em que, para o jesuíta, a dinâmica do espírito é transcendente. Esta dinâmica surge, rapidamente, e atravessa o mundo para o elevar, o dinamizar, o fazer evoluir e espiritualizar até àquele "para a frente" que nada mais é, afinal, do que o ponto Ómega.

Tal Espírito vem de Deus e permite a consciencialização do cosmos, a aparição da noosfera. É "para a frente" que se desdobra o presente, é para a frente que tendem as energias criadoras e espiritualizantes, apesar daqueles que encaram o fim dos tempos como a destruição do mundo ou o "Big Crunch" (o contrário do Big Bang).

Aqui, a curva evolutiva da complexidade-consciência sai do espaço-tempo, foge da matéria, segue o eixo crístico e escapa, assim, à entropia. Esta entropia é uma forma de mal que se opõe ao "esforço" de espiritualização e de Amor.

Assim, para Teilhard de Chardin, Hiroshima é um exemplo do mal, porque, além dos danos humanos e materiais, a energia foi desviada do uso que deveria ter tido: em vez de estar ao serviço do Espírito, foi posta ao serviço da destruição e da morte.

A questão das energias desviadas já tinha chamado a atenção de Teilhard de Chardin durante a Primeira Guerra Mundial. É à nossa frente, rumo ao ponto Ómega, que se encontra a imortalidade. O seu pensamento e a sua vida, de fato, são uma busca de sentido para o Cosmos e para o ser humano.

Teilhard permanecerá sempre um pouco a criança que recolhia seixos pelos caminhos de Auvergne, como Théodore Monod, outro visionário. Os seus caminhos acabam por se cruzar: para eles, Deus é Deus do Mundo, este mundo que é preciso amar.

O Amor

O amor, obviamente, é uma ideia central para Teilhard. Amor pelo outro, pelo próximo no sentido mais clássico de ágape; Teilhard, porém, não desenvolve o seu pensamento neste sentido, talvez evidente, mas considerado, por ele, como insuficiente.

O Amor é, também, o amor do casal, em que cada parceiro é portador "da realidade universal que brilha, espiritualmente, através da carne". Estes dois modos de ver o amor, de fato, surgem englobados numa terceira conceção do amor, que vê no Amor um modo dinâmico e dinamizante de amar, que permite tecer e construir a noosfera.

Todo o sistema de pensamento de Teilhard se fundamenta na caridade. Toda a relação marcada pelo selo do Espírito se inscreve nesse modo de ver. Talvez hoje pudéssemos falar em "tecer laços". Deste modo, todas as relações de amor permitem que o mundo se encontre em Cristo e entre na espiral aspirante, em torno do eixo que conduz ao ponto Ómega.

O Cristo Evoluidor está bem presente nesta forma dinâmica de viver o amor cristão, reserva sagrada de energia. "O Amor é a mais universal, a mais formidável e a mais misteriosa das energias cósmicas", escreve Teilhard no seu livro "Eu me explico".

O Amor, energia cósmica, permite a união que tudo diferencia, assim como diferencia a união com o Cristo cósmico. Neste campo, o padre Teilhard insere-se na visão genésica para a qual o ato criador é um apelo, uma diferenciação, a identidade dos elementos que compõem o caos inicial. "Na mente, Elohim criou os céus e a terra, a terra era tohu e bohü (caos), uma treva sobre a superfície do abismo, mas o sopro de Elohim pairava sobre a face das águas [...]" (Génesis 1, 1, na tradução de André Chouraqui).

O Amor crístico, amor de Deus, é justamente um ato criador contínuo. Esta maneira de ver o amor é típica do pensamento teilhardiano, e da sua visão do universo e de Deus, toda movimento e ação. "No universo tornado pensante, tudo se move no e rumo ao pessoal, é, obrigatoriamente, o Amor que forma e que formará cada vez mais, em estado puro, o tecido da energia humana... Não

poderá o Amor ser, pura e simplesmente, na sua essência, a própria atração exercida sobre cada elemento consciente, pelo Centro do Universo?"

O Centro, aqui, é um Deus presente no mundo e à frente em relação ao mundo, que Ele atrai para Si. O Amor, para Teilhard, não é, simplesmente, caridade: o Amor engloba a caridade numa dinâmica de vida total.

O dinamismo de Deus

Poderíamos ser levados a pensar que Teilhard é um criacionista. De modo algum. Deus é energia, dinamismo, dinamizante, força convergente que atrai, envolvendo-o em Si mesmo, o modo espiritualizado rumo ao seu cumprimento Ómega.

Teilhard continua a ser, sempre, um cristão clássico que evita toda confusão, independentemente do que digam os seguidores da Nova Era, que, muitas vezes, o recuperam e o citam. Ele não vê Deus como um "Grande Todo" no qual se possa perder e diluir: pelo contrário, a convergência em Cristo, presente no mundo, permite conservar a identidade de todos os elementos que concorrem para a noosfera, porque no amor permanece a individuação.

Se há panteísmo, é, com certeza, um panteísmo de convergência e de união, não de confusão e de unificação. Deus manifesta-se, no mundo, através do Cristo Evoluidor. A diafania crística permite a visibilidade de Cristo no mundo, e do mundo em Cristo. Se Deus continua a ser o Deus clássico que conhecemos, através da Revelação e da encarnação em Jesus Cristo, a especificidade de Deus, tal como o concebe Teilhard de Chardin, está no facto de ser transcendente.

Deus chama o mundo e o ser humano a um "sempre mais" de espiritualidade, de humanidade, de laços e de vida entre as pessoas. A grandeza da visão, a mística, revestem-se de um interesse particular. O apelo ao "sempre mais" vem do Deus "diante de nós", que espera, atrai, dinamiza a cosmogénese, ou seja, a evolução do mundo da matéria ao Espírito.

Se Teilhard não rejeita as ideias clássicas sobre a redenção, fundamentadas na morte e na ressurreição de Jesus, isso não impede que, para ele, a Salvação e o sentido do mundo se encontrem, também, na evolução, na cosmogénese.

Para ele, o cristianismo moderno (e futuro) não pode deixar de levar em consideração esta perspectiva da Salvação ligada à evolução. Eis um aspecto dos mais fundamentais do seu pensamento: a Salvação em Cristo Evoluidor, Cristo Ómega na sua totalidade em Deus Ómega. O ponto Ómega, no horizonte da nossa vida e do mundo, não é, portanto, um ponto de diluição, mas um Deus inteiramente personalizante, em que é posto o nosso ser, a nossa personalidade.

O pensamento teilhardiano é otimista. Apesar das duas guerras mundiais, Teilhard conserva uma esperança que se fundamenta na Revelação e na ciência, uma porta aberta para uma nova maneira de viver e de expressar o cristianismo.

Uma Sabedoria criadora

A leitura das obras de Pierre Teilhard de Chardin, muitas vezes, é difícil porque ele criou uma linguagem própria (noosfera, Cristo Evoluidor, ponto Ómega, cosmogénese etc.) e porque mistura, numa forma implacável, ciência, mística, filosofia e dogmática.

Muitas vezes, só depois de lidos um ou dois volumes, se começa a ver as coisas com clareza. Mas o esforço (também um conceito teilhardiano) vale a pena. O seu pensamento é deslumbrante, de elevada espiritualidade, um pensamento que pertence ao tesouro comum do cristianismo, embora os protestantes se possam surpreender com a abordagem, por vezes bastante católica, do padre jesuíta.

Como classificar este pensamento cristão e moderno? Como no caso do pastor Georges Crespy, um dos melhores conhecedores de Teilhard, nós não vemos uma gnose (embora moderna) no seu sistema, mas sim uma Sabedoria como a da tradição judaica, uma Sabedoria criadora como a do capítulo 8 dos Provérbios, uma Sabedoria como a que inspirou o logos criador do prólogo de João, ou o Cristo Pantocrator da Carta aos Colossenses.

Esta sabedoria, esta palavra que atua, esta presença de Cristo não se manifesta, porventura, de forma espetacular, diante dos nossos olhos, nesta nossa sociedade moderna da hipercomunicação, em que cada elemento da humanidade pode estar em relação com todos os outros?

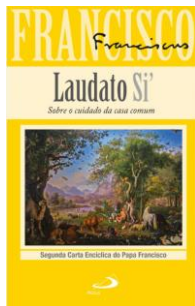
Resta prosseguir, na sociedade moderna, este esforço de espiritualização, se quisermos que a curva da complexidade-crescimento que nos trouxe até aqui, reflita, realmente, o mundo espiritualizado da noosfera. No contexto da noosfera, que é Cristo no alto dos céus, a festa da Ascensão, hoje um pouco esquecida, é uma das festas mais importantes do cristianismo.

Jesus Ressuscitado que sobe ao céu mostra-nos a direção, atrai-nos para o eixo da evolução do mundo que se espiritualiza e se torna mais complexo, envolvendo-se em si mesmo, dinamizando-se e aproximando-se do eixo que conduz ao ponto Ómega, o Cristo em glória, ponto final da espiritualização e da vida que se realiza, no fim, em Cristo.

Para terminar, damos a palavra a PIERRE TEILHARD. Em março de 1955, poucos dias antes da sua morte, ocorrida em Nova York no dia 10 de abril, escreve: ***"Há muito tempo, em 'A missa sobre o mundo' e 'O ambiente divino', perante aquelas perspetivas que não cessam de surgir dentro de mim numa forma, por vezes, cansativa, tentei conter a minha admiração e o meu espanto. Hoje, após quarenta anos de contínua reflexão, é exatamente esta mesma visão fundamental que eu sinto necessidade de apresentar e de partilhar, na sua forma levada à maturação uma última vez. Não com o mesmo frescor e exuberância de expressão que tinha no momento do primeiro encontro, mas sempre com a mesma maravilha – e a mesma paixão"*** (O ambiente divino).

Laudato si

valoriza intuições de Teilhard de Chardin



"A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. (...) O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina": assim lemos na conclusão do parágrafo 83 da **Laudato si'**.

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html]

A reportagem é de MARCO RONCALLI, publicada no jornal *Avvenire*, 20-06-2015.

Trata-se da parte da nova encíclica dedicada ao mistério da criação (no capítulo II, intitulado "O Evangelho da criação"), em que o pensamento de PIERRE TEILHARD DE CHARDIN [<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/541581-teilhard-de-chardin-mistico-da-materia>] (na abordagem teológica da evolução) é percebido de modo tão evidente, a ponto de merecer uma citação de pé de página.

Sim, precisamente o jesuíta cientista capaz de repensar o Universo à luz da fé e da ciência (unindo espírito e matéria como dois lados da mesma moeda), ele, o místico profeta de uma consciência planetária que nos convidava a encontrar Deus em todas as coisas e que, suspeito de panteísmo, viu as suas obras tornarem-se alvo de um *Monitum* do Santo Ofício em 1962 (tendo sido, depois, "reabilitado" por Paulo VI), ocupa agora espaço ao lado de outros pensadores (como Romano Guardini ou Paul Ricoeur), mas, acima de tudo, a par do Pobrezinho de Assis, entre as referências do novo texto do papa Francisco.

De fato, parece que o significado das referências mais fortes àquela "conversão ecológica", não mais prorrogável, que a **Laudato si** pede aos fiéis, não é mais evidente onde o pensamento do Santo de Assis – com as preocupações pelos pobres ou pelas criaturas, mas, também, com a fidelidade à natureza como livro divino – acaba por se encontrar com as

intuições do jesuíta francês. A começar pela convergência universal de uma humanidade coesa e projetada para a frente e, ao mesmo tempo, por um destino da criação que passa pelo mistério de Cristo, presente desde a origem: em suma, pela ordem escatológica da Salvação.

Embora seja verdade que "tudo está em relação", "tudo está em conexão", "tudo está ligado", como se repete neste documento, onde são as consequências "sociais" que são postas em destaque pelas análises "ecológicas", mas onde ciência e fé, humanismo e teologia da criação, bem-aventuranças e promessa de redenção, também se entrecruzam, eis Teilhard a assomar por entre as páginas da encíclica.

Com a sua contribuição para ler teologicamente a destruição dos recursos (como uma forma de desprezo da criação, do Criador, das criaturas), e preencher de sentido a "recomposição do mundo quebrado" em que vivemos (para retomarmos o título de conhecidos documentos dos jesuítas sobre o assunto).

E não somente Teilhard, cujo Hino à matéria reintroduz motivos que nos surgem numa forma diferente no Cântico das criaturas, retorna nas partes dedicadas aos sinais sacramentais, no capítulo VI da encíclica ("educação e espiritualidade ecológica"), em particular com a eucaristia, sinal e antecipação do porto final de toda a criação, com o Cristo em tudo o que nos envolve, para realizar a redenção do cosmos destinado a tornar-se Hóstia viva.

"A criação encontra a sua máxima elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de Se fazer comer pela sua criatura", lê-se no parágrafo 236. E logo depois: "De fato, a Eucaristia é, em si mesma, um ato de amor cósmico".

Depois, a **Laudato si** não se esquece de uma passagem da encíclica de João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, em que se lê: "Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar de uma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo".

Esta última imagem teilhardiana, também traduz o nosso olhar sobre o mundo, e é representada nas sínteses assumidas, primeiro, por João Paulo II e, agora, por Francisco: "A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação" e – iluminando e motivando o nosso cuidado pelo ambiente – "leva-nos a ser guardiães da criação inteira".

Ajuda-nos, poderíamos acrescentar com o Papa Francisco e o Patriarca Bartolomeu, a "aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilha com Deus e com o próximo, a uma escala global". □□

A MISSA SOBRE O MUNDO (excerto. Pierre Teilhard de Chardin, SJ)

Ofertório

Senhor, já que uma vez ainda, não mais nas florestas da França, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, eu me elevarei acima dos símbolos até à pura majestade do Real, e vos oferecerei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o sofrimento do mundo. O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro oriente. Mais uma vez, sob a toalha móvel de seus fogos, a superfície viva da Terra desperta, freme, e recomeça o seu espantoso trabalho. Colocarei sobre minha patena, meu Deus, a messe esperada desse novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que hoje serão esmagados.

Meu cálice e minha patena, são as profundezas de uma alma largamente aberta a todas as forças que, em um instante, vão elevar-se de todos os pontos do Globo e convergir para o Espírito. - Que venham pois, a mim, a lembrança e a mística presença daqueles que a luz desperta para uma nova jornada!

Um a um, Senhor, eu os vejo e os amo, aqueles que me destes como sustento e como encanto natural de minha existência. Um a um, também, eu os conto, os membros dessa outra e tão cara família que pouco a pouco as afinidades do coração, da pesquisa científica e do pensamento juntaram à minha volta, a partir dos elementos mais diversos. Mais confusamente, mas todos sem exceção, eu os evoco, aqueles cujo exército anônimo forma a massa inumerável dos vivos: aqueles que me rodeiam e me sustentam sem que eu os conheça; aqueles que vêm e aqueles que vão; sobretudo aqueles que, na Verdade ou através do Erro, no seu escritório, laboratório ou fábrica, creem no progresso das Coisas e, hoje, perseguirão apaixonadamente a luz.

Quero que neste momento o meu ser ressoe ao murmúrio profundo dessa multidão agitada, confusa ou distinta, cuja imensidão nos espanta, - desse oceano humano cujas lentas e monótonas oscilações lançam a inquietação nos corações mais crentes. Tudo aquilo que vai aumentar no Mundo, ao longo deste dia, tudo aquilo que vai diminuir, - tudo aquilo que vai morrer, também, - eis, Senhor, o que me esforço por reunir em mim para vos oferecer; eis a matéria de meu sacrifício, o único que vós podeis desejar.

Outrora, carregava-se para vosso Templo as primícias das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferta que esperais agora, aquela de que tendes misteriosamente necessidade cada dia, para apaciar a vossa fome, para acalmar a vossa sede, é nada menos do que o crescimento do mundo impelido pelo devir universal.

Recebei, Senhor, esta Hóstia total que a Criação, movida por vossa atração, vos apresenta à nova aurora. Este pão, nosso esforço, não é em si, eu o sei, mais que uma degradação imensa. Este vinho, nossa dor, não é ainda, ai de mim, mais que uma dissolvente poção. Mas, no fundo dessa massa informe, colocastes - disso estou certo, porque o sinto - um irresistível e santificador desejo que nos faz a todos gritar, desde o ímpio ao fiel:

"Senhor, fazei-nos Um!

Porque, à falta do zelo espiritual e da sublime pureza de vossos santos, deste-me, meu Deus, uma simpatia irresistível por tudo quanto se move na matéria obscura, - porque irremediavelmente, reconheço em mim, bem mais que um filho do Céu, um filho da Terra, - subirei, esta manhã, em pensamento, às alturas, carregado das esperanças e das misérias de minha Terra-Mãe; e lá, por força de um sacerdócio que somente Vós, creio, me destes, - sobre tudo

aquilo que, na Carne humana, se prepara para nascer ou perecer sob o sol que se levanta, eu chamarei o Fogo. (...)